

**DEPRESSÃO, ANSIEDADE E USO DE MEDICAMENTOS EM
ACADÊMICOS DE PSICOLOGIA****DEPRESSION, ANXIETY AND USE OF MEDICINES IN PSYCHOLOGY STUDENTS**Wellington Danilo **Soares*** , Bárbara Tatiana **Cachoeira** , Hellem Caroline Gonçalves **Matos** 

Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna, Montes Claros, MG, Brasil.

*wellington.danilo@funorte.edu.br

RESUMO

A ansiedade e a depressão são distúrbios emocionais que podem ser acarretados por fatores estressantes no âmbito acadêmico bem como no profissional. O objetivo foi avaliar a prevalência de depressão, ansiedade e uso de medicamentos em acadêmicos de Psicologia. Trata-se de uma pesquisa de caráter quantitativo, corte transversal e comparativo. Os acadêmicos do curso de Psicologia de uma instituição privada de ensino superior da cidade de Montes Claros – MG, foram o público-alvo. Participaram da pesquisa 33 acadêmicos do período noturno, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a dezoito anos, selecionados de forma aleatória. Como instrumentos foram utilizados três questionários, Inventário de Depressão de Beck, Inventário de Beck de Ansiedade e Teste de Morisky-Green que visaram contribuir na identificação de questões relacionadas a ansiedade e depressão e uso de medicamentos. Os resultados demonstraram maior prevalência de acadêmicos do sexo feminino (81,8%). Através dos dados pôde-se revelar que ao juntar as ansiedades moderada e grave temos quase um terço do grupo pesquisado (30,4%). Quanto a depressão, ficou evidenciado que (54,5%) não apresentam quadro depressivo, e que o público pesquisado é menos aderente ao uso de medicamentos (72,7%). Os resultados encontrados nos permitem concluir que há uma maior prevalência de sintomas de ansiedade entre os estudantes e em consequência disso o uso de medicamentos, de forma a não o deixar de lado mesmo em momentos em que está se sentindo bem, e sendo uma menor prevalência referente aos sintomas de depressão.

Palavras-chave: Acadêmicos. Ansiedade. Depressão. Medicamentos.

ABSTRACT

Anxiety and depression are emotional disorders that can be caused by stressful factors in the academic as well as in the professional sphere. The objective was evaluating the prevalence of depression, anxiety and medication use in psychology students. This is a quantitative, cross-sectional and comparative research. The students of the Psychology of a private institution of higher education in the city of Montes Claros – MG, were the target audience. Thirty-three night-time students of both genders, aged 18 or older, were randomly selected. Three questionnaires were used, Beck Depression Inventory, Anxiety Beck Inventory and Morisky-Green Test that aimed to contribute to the identification of issues related to anxiety and depression and medication use. The results showed a higher prevalence of female students (81.8%). Through the data it was possible to reveal that by joining the moderate and severe anxieties we have almost one third of the group surveyed (30.4%). As for depression, it was evidenced that (54.5%) they do not present a depressive condition, and that the researched public is less adherent to the use of medications (72.7%). The results found allow us to conclude that there is a higher prevalence of anxiety symptoms among students and, consequently, the use of medications, so as not to leave it aside even at times when it is feeling well, and a lower prevalence referring to symptoms of depression.

Keywords: Academics. Anxiety. Depression. Medicines.

INTRODUÇÃO

Devido a fatores estressantes no meio acadêmico bem como no exercício profissional, se torna importante um olhar sobre o estado de saúde mental entre acadêmicos e profissionais da área de saúde, uma vez que esse ambiente estressor pode acarretar distúrbios emocionais (CARVALHO *et al.*, 2017).

Ao adentrar na universidade esse indivíduo se depara com mudanças que são determinantes na sua nova rotina, como, longas horas de estudos, novas relações interpessoais, possíveis frustrações referentes à carreira pretendida, novas responsabilidades e esse recente meio que se insere vem acompanhado de um estresse e ansiedades, o que faz com que seja um tema explanado por estudiosos (LANTYER *et al.*, 2016).

Por conta de certas vivências na prática, os estudantes da área da saúde no ensino superior, possuem uma tendência a desenvolver um nível de ansiedade que não é visto em outras áreas. Pois vivenciam desde a faculdade o contato direto com sofrimento humano, esse lidar com o ser humano, receio de cometer algo errado e de não estar preparado para lidar com aquilo naquele momento (COSTA *et al.*, 2019).

Além de fatores de ansiedade em acadêmicos, ocorre também a depressão, sendo um transtorno do humor crônico comum, baseado em estudos realizados, ocupa o lugar do segundo maior responsável por incapacidade social, havendo probabilidade de tornar-se a segunda maior causa nos anos futuros (LEÃO *et al.*, 2018). Como forma de tratamento aos indivíduos que são diagnosticados com transtornos psíquicos, tem-se a psicoterapia, que em casos mais graves, associa-se à medicamentos (OLIVA *et al.*, 2015).

A depressão é uma síndrome e é caracterizada por uma variação de sintomas tanto emocionais quanto físicos, no qual influencia e muda a capacidade do indivíduo de realizar suas atividades normais do dia a dia. O indivíduo apresenta mudanças de humor, vazio, angústia, irritação, agitação ou lentidão, tem crises de choro, déficit de memória, sonolência ou insônia, perda ou ganho de apetite, isolamento da sociedade e vários outros sintomas (ISTILLI *et al.*, 2010).

A ansiedade pode ser considerada como sintoma psiquiátrico ou como de um sentimento emocional não patológica correlacionada a muitos aspectos de vida do indivíduo. Ela caracteriza um indício de alarme a algum estímulo que foi percebido pelo indivíduo como perigo. Em geral, é formada por uma variação de sintomas físicos, pensamentos ruins e alterações de comportamento (BARCELLOS *et al.*, 2017).

Visto que a automedicação sem a utilização de uma prescrição, orientação e/ou acompanhamento de um profissional qualificado está cada vez mais frequente, fazendo-se jus adoções de estratégias que visam conscientizar durante toda a graduação sobre uso racional de medicamentos, tendo em vista, os riscos pertinentes ao uso e indicações de medicamentos de indiscriminada e/ou abusiva (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Acadêmicos da área da saúde constituem uma população diferenciada, pois tendem a possuir um maior conhecimento sobre os medicamentos. Desta forma, espera-se que tal conhecimento seja determinante para uma atitude mais consciente e adequada a sua formação, favorecendo um uso racional dos medicamentos, inclusive na Psicologia (PITOMBEIRA *et al.*, 2016).

Nesse contexto objetivou analisar a prevalência de ansiedade e depressão, assim como o uso de medicamentos em acadêmicos do curso de Psicologia de uma instituição privada de ensino superior da cidade de Montes Claros – MG.

Assim sendo, se torna relevante a realização desta pesquisa pela possibilidade de identificação dos possíveis casos relacionado a depressão, ansiedade e uso de medicamentos entre os acadêmicos do curso de Psicologia, justamente porque serão estes acadêmicos, que, futuramente, deverão tratar pessoas com estes possíveis transtornos. Sendo importante identificar precocemente possíveis transtornos mentais nestes futuros profissionais.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM sob parecer 3.779.140/2019. Trata de uma pesquisa de caráter quantitativa, corte transversal e comparativa.

A amostra foi composta por 33 acadêmicos, ambos os sexos, selecionados de forma aleatória, matriculados no curso de Psicologia de uma instituição privada de ensino superior localizada na cidade de Montes Claros, no norte de Minas Gerais. Foram incluídos os acadêmicos devidamente matriculados no curso de Psicologia da instituição pesquisada, com idade igual ou superior a 18 anos, e dispostos em participar de forma voluntária da pesquisa, e excluídos aqueles que preencheram os questionários de forma incompleta.

Os instrumentos utilizados na pesquisa para contribuir na identificação de questões relacionadas a ansiedade e depressão e uso de medicamentos foram: Inventário de Depressão de Beck (IDB), Inventário de Beck de Ansiedade (BAI) e Teste de Morisky-Green.

O Inventário de Depressão de Beck consiste em uma escala de depressão, composta por 21 questões, contendo itens referentes a sintomas depressivos assim como sintomas físicos, cada item pode ser classificado de 0 a 3, apresentando quatro possibilidades de respostas relacionadas a como tem se sentido na última semana, inclusive no dia em que está respondendo ao questionário.

O segundo questionário utilizado é o Inventário de Beck de Ansiedade (BAI) possui uma escala sobre ansiedade, traz questões relacionadas a como os indivíduos têm se sentido na última semana, tem como foco avaliar o nível de ansiedade do indivíduo, contendo quatro possíveis respostas cada uma: absolutamente não, levemente (não me incomodou muito), moderadamente (foi muito desagradável, mas pude suportar), gravemente (difícil poder suportar). Quanto aos resultados, pode ser classificado como, grau mínimo, ansiedade leve, ansiedade moderada e ansiedade severa.

Já o teste Morisky, Green e Levine (1986) consiste em analisar o grau de adesão referente a tratamento com uso de medicamento, avaliando ainda o comportamento deste indivíduo. Contém, perguntas como: “Você alguma vez esquece de tomar seu remédio?”; “Você, às vezes, é descuidado quanto ao horário de seu remédio?”; “Quando você se sente bem, alguma vez, você deixa de tomar seu remédio?”; “Quando você se sente mal, com o remédio, às vezes, deixa de tomá-lo?”, com essas perguntas é possível fazer a avaliação.

Para avaliar as respostas foi atribuído o valor 0, para respostas consideradas negativas, 1, para respostas positivas. Ao ser somado as pontuações, os indivíduos que tiveram 4 pontos, foram considerados como mais aderentes, e quem obtiver nota referente a 3 pontos ou inferior, menos aderentes.

Para coleta de dados foi solicitado autorização da diretoria da Instituição pesquisada, e tendo esta autorização foi elaborado um pequeno comunicado e enviado de forma eletrônica aos acadêmicos, no qual foram passadas informações referentes à pesquisa e se havia interesse em participar, abrindo espaço para esclarecimentos de possíveis dúvidas. Aqueles que aceitaram participar de forma voluntária, responderam os questionários que, conseqüentemente, ao responderem já autorizaram a participação na pesquisa, não sendo necessário assinarem um termo de consentimento livre e esclarecido. Todos os questionários foram aplicados pelas pesquisadoras nos meses de março e abril de 2020, por meio do *Google Forms* preservando o sigilo dos dados e da identidade dos avaliados.

Após a coleta dos dados, foi feita uma análise descritiva com valores em porcentagem real e absoluta através do *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 22.0 para *Windows*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 33 alunos com predomínio do sexo feminino (81,8%). Com relação às variáveis pesquisadas, os resultados estão expressos na tabela abaixo.

Tabela 1 - Apresenta os resultados referentes aos níveis de ansiedade e depressão, com valores em porcentagem real e absoluta (n = 33)

Variável	Opções	N - %
Ansiedade	Ausência	11 - 33,3
	Leve	12 - 36,4
	Moderada	5 - 15,2
	Grave	5 - 15,2
Depressão	Ausência	18 - 54,5
	Leve	7 - 21,2
	Moderada	6 - 18,2
	Grave	2 - 6,1
Uso de medicamentos	Sim	9 - 27,3
	Não	24 - 72,7

Fonte: os autores.

Analisando os resultados da tabela acima pôde-se verificar que a maioria dos avaliados (36,4%) apresentam presença de sintomas de ansiedade leve, mas se juntar ansiedade moderada e grave temos quase um terço (30,4%) do grupo pesquisado. Para os níveis de depressão, fato positivo foi que a maior parte dos investigados (54,5%) não apresenta depressão.

Já com relação a adesão ao uso de medicamentos, verificou-se que a maioria dos avaliados (72,7%) são menos aderentes ao uso de medicamentos, apresentando como aderentes ao uso de medicamentos (27,3%).

Na avaliação dos níveis de ansiedade, foi verificado que a maior parte dos avaliados possuem níveis de intensidade (leve, moderada ou grave). Esses achados coadunam com os estudos de Arino e Bardagi (2018) no qual ressaltam que o ambiente acadêmico tende a gerar transtorno de ansiedade e depressão em universitários, associado a suas vivências pessoal/emocional, ou seja, é afetado de certa forma o emocional do acadêmico relacionado a sua autonomia, quando não consegue realizar atividades do meio acadêmico se sente insuficiente, questões sobre escolha do curso, carreira pretendida, o que desencadeia uma situação de vulnerabilidade psicológica.

Também no estudo de Bonafé, Carvalho e Campos (2016) que teve como objetivo avaliar o consumo de medicamento, a automedicação e nível de depressão, ansiedade e estresse de pacientes odontológicos e a combinação com variáveis demográficas, tendo como amostra 209 indivíduos adultos atendidos em uma faculdade de odontologia, os resultados encontrados demonstram que diferentemente do nosso estudo, o uso de medicamento obteve uma maior prevalência, observou-se ainda que os maiores escores de ansiedade e depressão foram com indivíduos que consomem frequentemente algum medicamento psicotrópico, o que não se assemelha a nossa pesquisa uma vez que apenas 27,3% fazem uso de algum tipo de medicamento, sendo que 72,7% não fazem uso.

Referente ao uso de medicamento, no presente estudo apresenta uma menor adesão a esse uso, consolidando com Fontanella, Galato e Remor (2013) o qual diz que, uma vez tendo, os acadêmicos da área da saúde um saber a mais relacionado à medicamentos, estes devem fazer o uso de forma consciente, se adequando também a que está se preparando profissionalmente. No entanto, o que mostram seus estudos, que se difere da presente pesquisa, é que justamente pelo fato de os acadêmicos da área da saúde terem um maior conhecimento sobre medicamento, nestes há uma maior frequência de automedicação mesmo sabendo dos riscos que isso pode causar.

Observando-se que os resultados referente a ansiedade compõe 36,4% dos avaliados com ansiedade leve, 15,2% ansiedade moderada e 15,2% ansiedade grave, o que demonstra que o quadro de ansiedade leve prevalece entre os acadêmicos de psicologia, fato que quando comparado aos estudos de Leão *et al.* (2018) demonstra um percentual parecido entre os acadêmicos, segundo estudos destes autores a maior prevalência de ansiedade entre os estudantes pode estar ligada a um mal relacionamento destes com seus familiares, amigos, professores, podendo acarretar em um

sofrimento psíquico e baixo rendimento na academia, além de gerar insegurança, preocupações, baixa concentração, e, dificuldades no sono, por conta dos estudos, gerando baixo rendimento acadêmico e conseqüentemente a ansiedade.

Nossos resultados referentes a índices de depressão em estudantes de psicologia demonstraram ausência de sintomas depressivos na maioria dos avaliados, corroborando os estudos de Andrade *et al.* (2016), o sofrimento psíquico pode estar ligado às dificuldades de se adequar ao curso, destacando para a área de humanas e da saúde uma prevalência de transtornos mentais menores. O fato de estudantes da área, especificamente Psicologia, lidar com o sofrimento psíquico e a subjetividade humana acaba por acarretar a vulnerabilidade fazendo com que desencadeie algum transtorno mental.

Na investigação realizada por Santos Júnior *et al.* (2019) com o objetivo de avaliar a prevalência de ansiedade em estudantes de medicina de Alagoas, traz em seus resultados, contraditório aos resultados da presente pesquisa, baixa ocorrência de sintomas ansiosos entre os pesquisados, colocando em pauta que os sintomas ansiosos entre os estudantes estão relacionados às demandas acadêmicas do momento, como seminários, provas, falar em público.

Sobre a ansiedade, o qual teve maior prevalência neste estudo, de acordo com Medeiros e Bittencourt (2017) a ansiedade é uma espécie de mecanismo de fuga diante das dificuldades de adaptação de algo novo, no caso dos universitários, o ensino superior. Notando que há mudanças explícitas, sobre o contexto que estava inserido e o novo contexto, e a adaptação deve ser rápida, nesse sentido, a análise feita por estes autores demonstram que, igual ao presente estudo, é notório, uma grande parte da amostra contém algum indício de ansiedade, o que revela como sendo algo comum no meio acadêmico.

O presente estudo apresenta como limitação a não obtenção de uma amostra maior devido a pandemia do Covid-19, vírus que se instalou justamente no período da coleta de dados para a pesquisa. Além das limitações inerentes nos estudos com desenho transversal, na impossibilidade da relação causa-efeito.

CONCLUSÃO

Os resultados encontrados nos permitem concluir que há uma maior prevalência de sintomas de ansiedade entre os estudantes e em consequência disso o uso de medicamentos, de forma a não o deixar de lado mesmo em momentos em que está se sentindo bem, e sendo uma menor prevalência referente aos sintomas de depressão.

O estudo traz ainda uma importante reflexão, o que pode acarretar esses transtornos e conseqüentemente o uso de medicamentos, é o fato do lidar diariamente com a dor humana, subjetividade e esse objeto de estudo em todos os seus trejeitos, além da fase acadêmica que sobrecarrega o estudante em que muitas vezes não consegue distinguir seus momentos pessoais, emocionais, dos momentos em que está adquirindo conhecimento dentro de uma sala de aula ou uma prática.

Considerando os resultados como uma forma de verificação da saúde dos estudantes de psicologia, assim como uma alerta aos futuros profissionais da área, que para lidar com o seu objeto de estudo, no caso o próprio ser humano, e suas aflições internas é necessário que primeiramente esteja saudável e bem consigo mesmo.

Por fim, recomendamos a realização de novos estudos que possam embasar ou não os resultados aqui encontrados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. S. *et al.* Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 36, n. 4, p. 831-846, 2016.

ARINO, D. O.; BARDAGI, M. P. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. **Psicologia em Pesquisa**, v. 12, n. 3, p. 44-52, 2018.

BARCELLOS, M. *et al.* **TELECONDUTAS - Transtornos de Ansiedade, Transtorno de Estresse Pós-Traumático e Transtorno Obsessivo-Compulsivo**. Telessaúde. Porto Alegre: UFRGS, 2017. Disponível em: https://www.ufrgs.br/telessauders/documentos/telecondutas/Telecondutas_Ansiedade_20170331.pdf. Acesso em: 04/11/20.

BONAFÉ, F. S. S.; CARVALHO, J. S.; CAMPOS, J. A. D. B. Depressão, ansiedade e estresse e a relação com o consumo de medicamentos. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 17, n. 2, p. 105-119, 2016.

CARVALHO, M. C. P. *et al.* Levantamento da situação de Saúde Mental e Uso de Ansiolíticos e Antidepressivos por Acadêmicos do Curso de Odontologia de Uma Universidade do Sul de Minas Gerais. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 15, n. 1, p. 489-496, 2017.

COSTA, K. M. V. *et al.* Ansiedade em universitários na Área da Saúde. **II Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde**, Campina Grande – PB, 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/64473362-Ansiedade-em-universitarios-na-area-da-saude.html>. Acesso em: 27/09/19.

FONTANELLA, F. G.; GALATO, D.; REMOR, K. V. T. Perfil de automedicação em universitários dos cursos da área da saúde em uma instituição de ensino superior do sul do Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 94, n. 2, p. 154-160, 2013.

ISTILLI, P. T. *et al.* Antidepressivos: uso e conhecimento entre estudantes de enfermagem. **Revista Latino América de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 1-9, 2010.

LANTYER, A. D. S. *et al.* Ansiedade e Qualidade de Vida entre Estudantes Universitários Ingressantes: Avaliação e Intervenção. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 18, n. 2, p. 4-19, 2016.

LEÃO, A. M. *et al.* Prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade entre estudantes universitários da área da saúde de um grande centro urbano do nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 42, n. 4, 2018.

MEDEIROS, P. P.; BITTENCOURT, F. O. Fatores associados à ansiedade em estudantes de uma faculdade particular. **Id Online Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 10, n. 33, p. 43-55, 2017.

MORISKY, D. E.; GREEN, L. W.; LEVINE, D. M. Concurrent and predictive validity of a self-reported measure of medication adherence. **Medical Care**, v. 24, n. 1, p. 67-74, 1986.

OLIVA, D. F. *et al.* Auto Percepção e Depressão em Acadêmicos de Curso de Pedagogia. **Revista Bionorte**, v. 4, n. 2, p. 68-75, 2015.

OLIVEIRA, M. M. *et al.* Automedicação em acadêmicos: uma revisão literária brasileira entre 2000 a 2017. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 11, n. 3, p. 623-630, 2018.

PITOMBEIRA, D. F. *et al.* Psicologia e a Formação para a Saúde: Experiências Formativas e Transformações Curriculares em Debate. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 2, p. 280-291, 2016.

SANTOS JUNIOR, J. A. *et al.* Prevalência de ansiedade em estudantes de medicina de Alagoas. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v. 8, n. 1, p. 103-110, 2019.